

COMPARAÇÃO COM A CARTOGRAFIA ATUAL, AO NÍVEL DA OROGRAFIA, HIDROGRAFIA, DEFINIÇÃO DA COSTA E POVOAMENTO, DE DOIS MAPAS DO GEÓGRAFO ROBERT DE VAUGONDY RELATIVOS AO REINO DE PORTUGAL DO SÉCULO XVIII (1751)

Comparing two maps by Geographer Robert de Vaugondy that represent the Kingdom of Portugal in the 18th century (1751) with the current mapping of the country as regards its topography, hydrography, shoreline definition and settlements

Comparación con la cartografía actual, a nivel orográfico, hidrográfico, definición costera y poblacional, de dos Mapas del Geógrafo Robert de Vaugondy, relativos al Reino De Portugal en el siglo XVIII (1751)

Marco Pais Neves Dos Santos (PT)

Universidade Aberta. Doutorando em Desenvolvimento Social e Sustentabilidade Técnico Superior na Direção de Qualificação e Licenciamento (DQ) do Instituto da Construção e do Imobiliário, I.P.
Av. Júlio Dinis, n.º 11, 1069-517 Lisboa, Portugal
marco.santos@Inci.pt

Resumo

No artigo “*Estudo de dois Mapas do Geografo Robert de Vaugondy relativos ao Reino de Portugal do Século XVIII (1751)*”, publicado na Revista Semina: Ciências Sociais e Humanas, Vol. 34, n.º 1, 2013, tentámos propor uma explicação para as divisões administrativas cartografadas, nesses mapas, através do estudo de várias obras do período em referência, e de obras conexas, e concluímos que o mais consentâneo com a lógica era representarem divisões eclesiásticas. Neste artigo, damos profundidade a esse trabalho através da comparação desses mapas com a cartografia atual, ao nível da orografia, hidrografia, definição da costa e povoamento. Apesar dos erros detetados, concluímos que o trabalho de Vaugondy, ao nível do conhecimento e representação da geografia de Portugal, é o melhor possível para a época, e reafirmamos a ideia de que estes dois mapas representam divisões eclesiásticas.

Palavra-Chave: Robert de Vaugondy; Divisão Administrativa; Geografia de Portugal; Cartografia.



Abstract

In our paper "*Estudo de dois Mapas do Geografo Robert de Vaugondy relativos ao Reino de Portugal do Século XVIII (1751)*" (Study on two maps by Geographer Robert de Vaugondy representing the Kingdom of Portugal in the 18th century), published in *Revista Semina: Ciências Sociais e Humanas*, Vol. 34, Issue No 1, 2013, we tried to give an explanation for the administrative divisions that appear in those maps. After having studied a number of texts dedicated to the period in question and other related documents, we came to the conclusion that the most logic explanation for those divisions is that they represent ecclesiastical divisions. In this paper, we go further in our analysis and compare these two maps with some current maps of Portugal, taking into account its topography, hydrography, shoreline definition and settlements. Although there are some errors in his maps, we can conclude that Robert de Vaugondy's work, in terms of his knowledge and geographic representation of Portugal, was the best anyone could do at the time, and we restate the idea that the two maps represent ecclesiastical divisions.

Key-Words: Robert de Vaugondy; Administrative Division; Geography of Portugal; Cartography.

Resumen

En el artículo "*Estudo de dois Mapas do Geografo Robert de Vaugondy relativos ao Reino de Portugal do Século XVIII (1751)*" (Estudio de dos Mapas del Geógrafo Robert de Vaugondy relativos al Reino de Portugal en el Siglo XVIII (1751)), publicado en la *Revista Semina: Ciências Sociais e Humanas*, Vol. 34, nº 1, 2013, intentamos proponer una explicación para las divisiones administrativas cartografiadas en dichos mapas, a través del estudio de varias obras del periodo de referencia, y de obras conexas, y concluimos que lo mas lógico era la representación en función de las diferentes divisiones eclesiásticas. En este artículo, entramos en profundidad en ese trabajo, a través de la comparación de tales mapas con la cartografía actual, a nivel orográfico, hidrográfico, y definicional a nivel de costa y población. A pesar de los errores detectados, concluimos que el trabajo de Vaugondy, a nivel de conocimiento y representación de la geografía de Portugal, es el mejor posible para su época, y reafirmamos la idea de que estos dos mapas representan divisiones puramente eclesiásticas.

Palavras-Clave: Robert Vaugondy; Divisão Administrativa, Geografia de Portugal; Cartografia.



INTRODUÇÃO

Este ensaio, centrado em torno do conhecimento geográfico e cartográfico de Portugal Continental, do século XVIII, é um desdobramento do estudo historiográfico publicado por Santos (2013, p. 69-86) na *Semina: Ciências Sociais e Humanas*, intitulado "*Estudo de dois Mapas do Geógrafo Robert de Vaugondy relativos ao Reino de Portugal do Século XVIII (1751)*". Nesse estudo, de forma conclusiva, o autor propôs uma explicação para as divisões administrativas cartografadas nesses mapas, através da análise de várias obras do período em referência e de obras conexas, tendo concluído que o mais consentâneo com a lógica era representarem divisões eclesiásticas (SANTOS, 2013, p. 82). Não obstante ter chegado a conclusões fiáveis, deixou em aberto um estudo complementar de matriz geográfica, de reafirmação dessa convicção historiográfica, com o objetivo de apurar se existiu erro (ou não) na representação cartográfica de Gilles Robert de Vaugondy¹, e assim reafirmar (ou invalidar) a ideia de que estes dois mapas representam divisões eclesiásticas; objetivo que cooptámos e outorgámos enquanto objeto deste ensaio, ou, por outras palavras, o presente tem como objetivo averiguar se existiu erro de representação cartográfica, por desconhecimento do espaço geográfico ou das técnicas de cartografia, através da comparação desses dois mapas com a cartografia atual, ao nível da orografia, hidrografia, definição da costa e povoamento.

¹Assumindo que Gilles assinava os mapas como "Robert", e Didier como "Robert de Vaugondy", ou acrescentando "filho" ou "filio" após o nome dele (SANTOS, 2013, p. 76).

Para atingir esse objetivo iniciamos o ensaio com um conciso enquadramento teórico da geografia humana de Portugal Continental, para efeitos de enquadramento, e posteriormente desenvolve-se o trabalho de comparação cartográfica, iniciado com a respetiva nota metodológica, onde analisamos isoladamente e de forma sequencial a orográfica, a hidrográfica, a definição da costa, e o povoamento. Atente-se, o que fazemos sem esgotar o tema, uma vez que a limitação da publicação assim o determina.

Geografia Humana de Portugal Continental

Portugal situa-se no extremo sudoeste da Península Ibérica, partilha da sua morfologia, e forma uma unidade geográfica bem individualizada relativamente ao resto do continente europeu (MARQUES, 1997, p.17). É também um dos mais pequenos países da Europa.

Apresenta uma configuração retangular que confronta a Ocidente e a Sul com o Oceano Atlântico, e a Oriente e a Norte com a Espanha. A fronteira terrestre hispano-portuguesa apresenta grande diversidade, e ao contrário do que acontece entre a fronteira hispano-francesa, maioritariamente montanhosa, a sua maior extensão não é definida por limites naturais (MEDEIROS, 2005, p. 34), não obstante a importância dos aspetos físicos, sobretudo dos cursos de água, não por constituírem barreiras físicas, mas por representarem excelentes linhas de demarcação (DAVEAU, 1976). Na fronteira Norte a delimitação é estabelecida por alguns trechos montanhosos, e na fronteira Oriente essa função cabe ao troço de alguns rios.



No conjunto, a fronteira tanto corta vales de dimensões apreciáveis (Lima, Tâmega), como montanhas em cujo traçado não se apoia (Gerês, São Mamede), como ainda percorre áreas planas, nas quais apenas os marcos a precisam (certos trechos da Beira e do Alentejo). Estamos muito longe do antiquado conceito de «limite natural», ainda que haja razões para evocá-lo em determinados trechos montanhosos do Norte e nalguns dos troços de grandes rios (MEDEIROS, 2005, p. 34).

A fronteira terrestre portuguesa é a mais antiga da Europa (MEDEIROS, 2005, p. 28). Foi delineada em 1250, com a conquista do Algarve aos muçulmanos, e convertida em definitiva em 12 de setembro de 1297, com o Tratado de Alcanizes, assinado entre D. Dinis de Portugal e D. Fernando de Castela (FONSECA, 2009, p. 46-47). Manteve-se estável desde essa altura até aos nossos dias, com exceção do período de domínio filipino, da ocupação de Olivença por Espanha, entre 1801, e de alguns acertos de reduzida expressão realizados por convénios entre Portugal e Espanha no século XIX e XX, mais precisamente até 1926 (MEDEIROS, 2005, p. 28,30).

Portugal constitui uma entidade política dotada de fronteiras estáveis a partir do século XIII, cuja existência como reino autónomo desde o século XII apenas foi suspensa durante pouco mais de meio século (1580-1640) e que nunca se defrontou com problemas de unidade linguística. A generalidade dos historiadores deu por adquirida a existência imemorial da nação (MONTEIRO & PINTO, 2005, p. 52).

Isto faz de Portugal a mais antiga formação política da Europa, até prematura quando comparada com o verificado em outros países, onde os conflitos étnicos e/ou políticos, as rivalidades e reivindicações de nacionalidades condicionam a definição das fronteiras (MEDEIROS, 2005, p. 28), como aconteceu na região sudeste da Europa, com a desintegração da Jugoslávia, por conflitos étnicos. A República de Montenegro só este século declarou oficialmente a independência, recebendo a aceitação da ONU em 2006².

Consideramos assim que a antiguidade e importância cultural da divisão administrativa portuguesa, e da fronteira territorial, teria condições ímpares para oferecer aos investigadores e cientistas nacionais e internacionais o melhor conhecimento geográfico e cartográfico, mesmo no século XVIII. Atente-se que, apesar da realização de mapas requerer arte e ciência, nessa data já não eram novidade, muito pelo contrário, contavam com uma história que remota ao 3^a milénio a.C. (ADONIAS, 1969, p. 42), senão mesmo, precedendo à linguagem escrita e aos sistemas numéricos (HARLEY & WOODWARD, 1987, p. 1-3). Acrescem os ensinamentos iniciados com a Cartografia Clássica, que faz coincidir o nascimento da cartografia científica com a criação da primeira rede de projeção cartográfica, e com a primeira medição (mais precisa) da circunferência terrestre por Eratóstenes (c. 276-196 a.C.) (RUDAUX, 1960, p. 23-24; CORTESÃO, 1969, p. 6; ADONIAS, 1969, p. 46;

²Note-se que antes da independência já tinha instituições, leis e regulamentos próprios.



GASPAR, 2000, p. 1; DIAS, 2004, p. 30,38), considerado “the parent of scientific geography” (BUNBURY, 1883, p. XXVII) “and at least “worthy of alpha” in that subject, particularly for his remarkable measurement of the circumference of the earth” (THROWER, 2008, p. 20)³. E não poderíamos esquecer os périplos, no século V a.C., os mais antigos documentos geográficos da autoria de Heródoto, que descreviam com minudência a viagem entre pontos de referência ao longo da costa, como faziam os portulanos, na Idade Média (SANTOS, 2014, p. 41-42). Aliás, em meados do século XVIII, estavam a ser empreendidos levantamentos geodésicos e topográficos por toda a Europa, de forma sistemática, com vista à criação de redes geodésicas, o que em Portugal foi iniciado em 1788, no reinado de D. Maria I, com o objetivo imediato de elaborar a Carta Geral do Reino (GASPAR, 2000, p. 22).

Acresce que, tendo a conversão definitiva dos limites administrativos de Portugal ocorrido no século XIII, e sendo o trabalho de Robert de Vaugondy do século XVIII, temos de considerar o conhecimento adquirido ao longo de quase cinco séculos, que foi intenso em avanços na produção de Cartografia, e também na Geografia (CORTESÃO & MOTA, 1987), sobretudo a partir do século XVI, quando começam a surgir alguns trabalhos precursores da disciplina relativos ao país, no seu conjunto, ou em regiões, cidades ou lugares, estudadas

de forma isolada (MEDEIROS, 2005, p. 40), de que são exemplo: o mapa corográfico de Álvares Seco de 1561 (FERREIRA et al., 1957; CORTESÃO & MOTA, 1987; DAVEAU, 2000; DIAS, 2006), a obra *De antiquitatibus Lusitaniae* de André de Resende (RESENDE, 1593), a obra *Descrição do Reino de Portugal* de Duarte Nunes do Leão (LEÃO, 1610), a *Carta da Correição de Santarém* (ALBERNAZ, 1640), e do mesmo autor a *Carta da fronteira entre o Alentejo e a Estremadura espanhola*, único exemplar conhecido de um mapa impresso do Alentejo Central e da Estremadura espanhola confinante (ALBERNAZ, 1644) (atribuição de autor e datas com base em CORTESÃO & MOTA, 1960, p. 142), e uma série de cartas corográficas, sobretudo nos séculos XVII e XVIII⁴ (MEDEIROS, 2005, p. 41), destacando-se a *Corografia portuguesa e descripçam topografica do famoso Reyno de Portugal* (COSTA, 1706, 1708, 1712), que, não obstante alguns erros e inexatidões, era de máximo relevo para o conhecimento do território.

A produção de cartografia de Portugal Continental dilata-se nos séculos XIX e XX, em quantidade e qualidade, tanto realizada por portugueses como por estrangeiros. Sem fazer uma enumeração exaustiva, que não é o objetivo, destacamos como produção externa *Essai statistique sur le royaume de Portugal et d'Algarve* e *Variétés politico-statistiques sur la monarchie portugaise*, ambos do mesmo autor (BALBI, 1822a,b), que

³Não obstante, Thrower (2008, p 20) considera ter sido Eudoxo de Gnidus o primeiro a calcular o valor da circunferência da Terra: “Eratosthenes was not the first to compute a figure for the circumference of the earth; this distinction may belong to Eudoxus of Gnidus (d. ca. 355 B.C.), who estimated its measurement at 400,000 stades and who also made a celestial globe, no longer extant”.

⁴O século XVII reflete uma reduzida impressão de mapas, o que decorreu do contexto da restauração da independência, altura em que os poucos mapas impressos estavam de alguma forma relacionados com assuntos bélicos.



apesar de alguma debilidade técnica e científica, foram de enorme relevo para o conhecimento da altura, ou, como produção interna, o início dos levantamentos em 1953 da primeira carta corográfica regular de Portugal, a *Carta Chorographica de Portugal*, na escala 1:100 000, constituída por 37 folhas. Os levantamentos foram concluídos em 1892, decorreram no sentido Norte/Sul, realizados sobretudo por militares. Um trabalho desenvolvido pela então Direção-Geral dos Trabalhos Geodésicos do Reino. A edição foi realizada à medida que os levantamentos eram concluídos, por áreas, entre 1856 e 1904. Trabalho que seria condecorado na exposição do Congresso Internacional das Ciências Geográficas de Paris, em 1875, com a *Lettre de Distinction*. Outras cartas corográficas se seguiram, inclusive realizadas para os territórios coloniais portugueses, como a *Carta Chorographica da India Portuguesa*, ou o *Mappa dos reinos de Angola e Benguella*, ambas de 1860, entre outras, algumas das quais de maior valor geográfico, como a *Geografia e Estatística Geral de Portugal e Colónias* (PÉRY, 1875), ou a *Carta orographica e regional de Portugal* (1875), publicada em *Cartas elementares de Portugal* para uso das escolas (GOMES, 1878), uma coleção de cinco mapas produzidos com elevado rigor cartográfico, obra que marca o início dos estudos geográficos com base verdadeiramente científica em Portugal (ALEGRIA, 1977, p. 170).

Notas metodológicas

Este ponto do trabalho explica a metodologia aplicada nos subcapítulos seguintes, de Orografia, Hidrografia, Definição da Costa e Povoamento, onde se pretende estabelecer relações de análise entre a atual geografia de Portugal e os trabalhos de Vaugondy (1751a,b): *Partie Septentrionale du Royaume de Portugal, par le Sr. Robert, Geographe ordinaire du Roy. Avec Privilege. 1751.* e *Partie Meridionale du Royaume de Portugal, par le Sr. Robert, Geographe ordinaire du Roy. Avec Privilege. 1751.*

A análise vai ser feita individualmente às províncias do reino de Portugal e os dados vão ser apresentados de forma desagregada. Desagregar a informação pretende aumentar o detalhe e as interpretações possíveis, e avaliar se os conhecimentos de Robert de Vaugondy, e dos técnicos portugueses que o auxiliaram, eram tão completos para o interior quanto o eram para o litoral, uma vez que o litoral era conhecido por muitos geógrafos, que pediam informação a navegadores (método tradicional de levantamento), o que já não acontecia no interior do território. Mesmo no caso dos rios navegáveis utilizados para o transporte de mercadorias, que eram bastantes, era reduzido o conhecimento “mediatizado”, tal como o era em relação à orografia, o que dificultava o levantamento de dados geográficos no interior do território.

A geografia física, o relevo, a hidrografia e a linha de costa serão abordados com maior profundidade. Na orografia vai ser analisada a sua distribuição ao



longo do reino de Portugal e vão expor-se diferenças resultantes da comparação cartografia antiga/atual. Na hidrografia será feita uma análise comparativa entre a atualidade e os mapas de Robert Vaugondy, tendo em consideração hidrónimos (nomes de rios e outros cursos de água) e limnónimos (nomes de lagos), e a sua implementação física. Os rios que percorrem áreas litorais e interiores são inscritos somente uma vez, na coluna pertencente a áreas do Litoral. Na definição da costa proceder-se-á somente à comparação cartografia antiga/atual. Sempre que for possível recorre-se a imagens para consolidar as palavras.

Em relação à definição da costa e ao povoamento a análise será resumida. Dos quatro subcapítulos que nos propomos analisar, são estes que têm menos informação representada nos mapas em estudo. A afirmação anterior é para ser entendida numa relação de grandeza entre os quatro subcapítulos. É evidente que a definição da costa também foi representada com grande rigor, nomeadamente as infraestruturas de carácter bélico e de defesa, e também os balcões de areia e as outras condicionantes que limitavam a navegação ao longo da costa e a atracagem nos portos marítimos e fluviais do reino de Portugal.

Para fazer a análise, e melhor exemplificação, foi utilizada informação cartográfica atual, com base cartográfica do Instituto Geográfico Português (IPG) (2008). Utilizou-se o programa ArcGis/ArcMap. Privilegiámos a observação visual, adotando para isso a Carta Militar Itinerária de Portugal Continental, escala: 1:500 000 (EGEOE, 2007/2008), pois, tal como afirma Orlando Ri-

beiro, em muitas das suas obras, a Geografia é uma ciência da observação. O método de trabalho seguiu a sequência: observação, descrição, interpretação e análise. Para fundamentar a análise foram utilizadas sobretudo as obras de Ribeiro et al. (1989), Medeiros (1991 e 1994) e Daveau (1995).

Análise Orográfica

Da comparação entre o mapa de Vaugondy e os mapas atuais, verifica-se que a Norte do rio Douro a orografia se apresenta distribuída de forma pouco exata, uma vez que nem sempre representa as serras com a sua orientação própria, bem como não distingue a altitude das elevações.

A Província de Entre Douro e Minho apresenta um conjunto de relevos concordantes em relação à linha de costa, com uma orientação, grosso modo, NE-SO, sendo a representação dos símbolos mais acentuada nas regiões que apresentam maior altitude, nomeadamente nas regiões que correspondem às serras da Peneda, Larouco e Gerês. Os relevos correspondentes à serra do Marão não se encontram representados, o que constitui uma lacuna no mapa de Vaugondy.

No Alto Trás-os-Montes surgem algumas representações distribuídas de forma mais ou menos homogênea pelo território sem definir as principais elevações existentes, nomeadamente a serra de Montesinho. Assim, podemos assinalar importantes diferenças face a um mapa atual, pela localização e pela dificuldade em perceber a altitude dos relevos representados, que ocor-



rem pelo reduzido conhecimento que existia no interior Norte de Portugal.

Relativamente à Província da Beira, os relevos representados apresentam uma distribuição irregular, na medida em que na maioria dos casos não correspondem aos principais conjuntos montanhosos, bem como não consideram as principais elevações, nomeadamente todo o maciço correspondente à serra da Estrela. Os relevos correspondentes à serra de Montemuro, que é a oitava maior elevação de Portugal Continental, não foram assinalados, conforme figura 1, o que mais uma vez revela o pouco conhecimento do interior de Portugal.

Em relação à Estremadura, os relevos apresentados têm também uma distribuição mais ou menos homogénea. No entanto, esta região na realidade não apresenta grande contraste de altitude, pelo que os relevos são aplanados. Assim, o mapa de Vaugondy, à luz dos conhecimentos atuais, induz o leitor em erro, uma vez que indica a existência de elevações onde elas não existem, bem como não quantifica as irregularidades do terreno, ou seja, faz uma distribuição arbitrária dos relevos mais acidentados.

No que toca ao Alentejo, apresenta também uma distribuição irregular, com grande predomínio de simbologia nos locais onde a altitude é reduzida (figura 2), não existindo grandes elevações, nomeadamente próximo da Estremadura. Na região Nordeste do Alentejo, não obstante da localização da Serra de São Mamede e Serra D'ossa, é onde se verifica uma menor concentração de símbolos alusivos aos relevos acidentados.

O território a Sul da Região Centro foi representado densamente acidentado, e não distingue o que é acidentado do que é montanhoso, perante as serras algarvias. As figuras 2 e 3, um fragmento do mapa de Vaugondy (1751a), e um MDE de Portugal Continental, respetivamente, realçam essa excessiva representação.

Na província algarvia a orografia destaca-se pela sua distribuição homogénea pelo território, tendo a simbologia correspondência com a localização das principais serras da região: Monchique e Caldeirão.

Em termos gerais a orografia representada não transmite uma informação clara e objetiva da realidade, uma vez que não só não distingue a altitude como coloca no mesmo patamar as grandes elevações com as pequenas elevações (figura 2). Por outro lado, procura fazer uma cobertura quase total do país, sem que tal corresponda à realidade, nomeadamente no litoral e Alentejo. Em suma, os mapas em estudo revelam conhecimentos superficiais em todo o território nacional, e reduzidos no interior de Portugal. Os lapsos verificados aparentam resultar de deficiente conhecimento do espaço, e não de erro de representação.



Figura 1 – Território a Norte do Distrito de Viseu

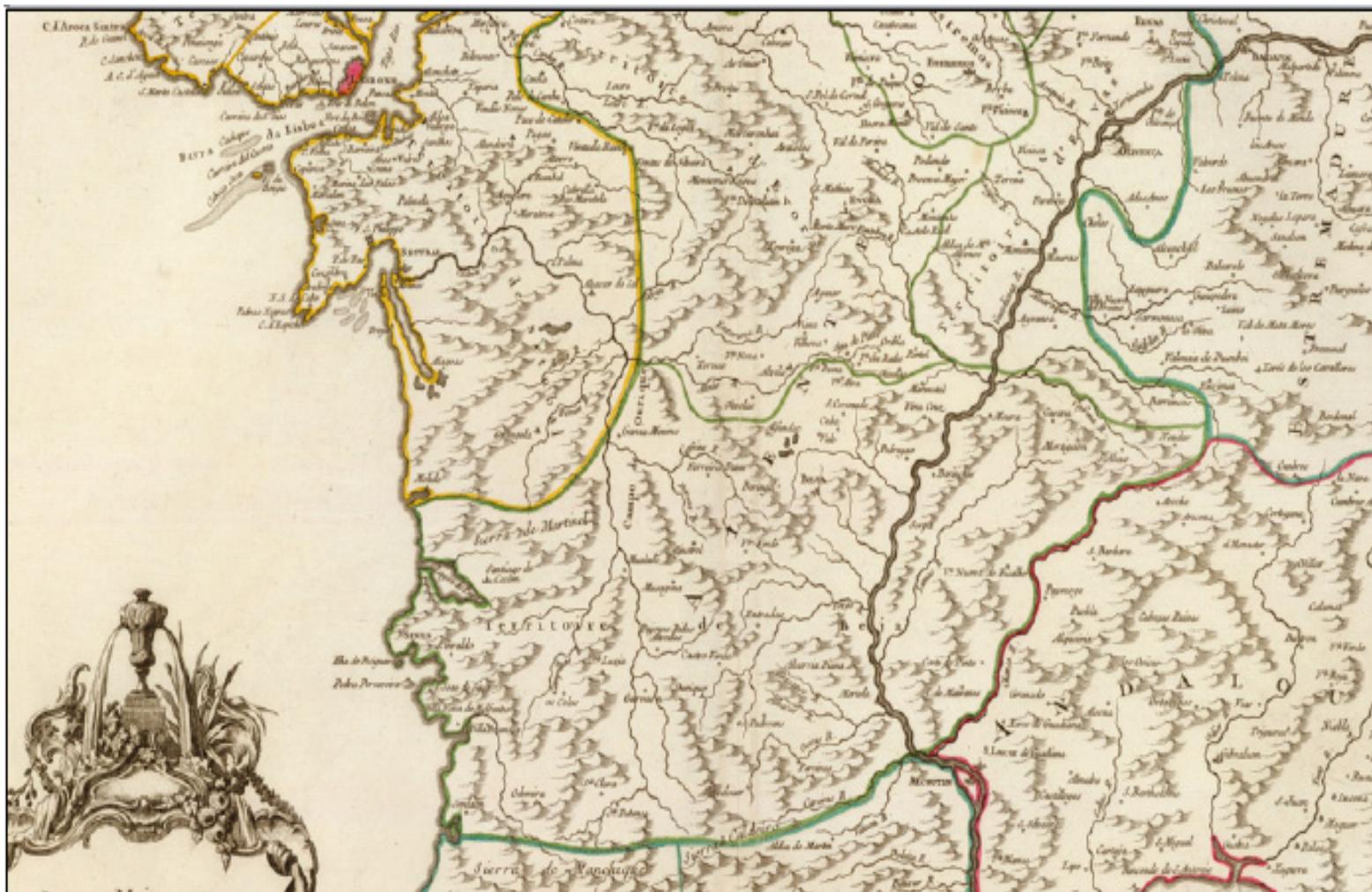
176



Fonte: Vaugondy, 1751b. Perspetiva da orografia do território entre o rio Mondego, parte inferior do mapa, e do rio Douro, parte superior do mapa.



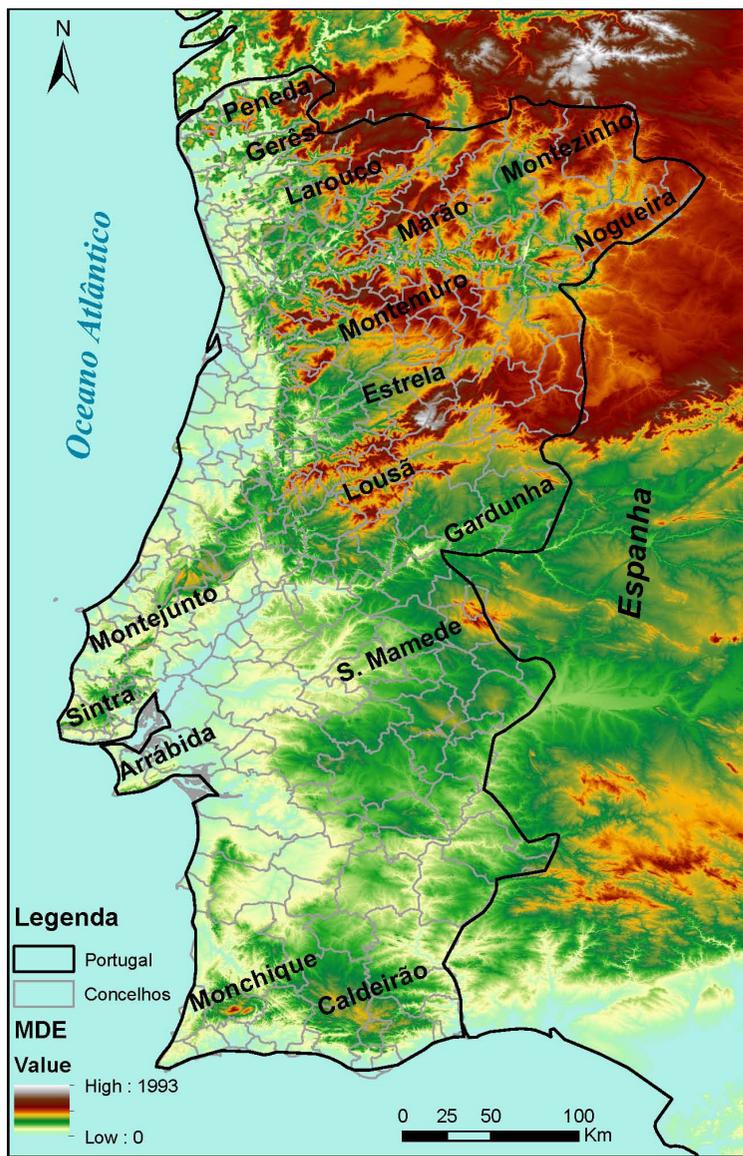
Figura 2 – Território da Região do Alentejo



Fonte: Vaugondy, 1751a. Representação da orografia da Região do Alentejo, entre a Região Centro e a Região do Algarve.



Figura 3 – Modelo Digital de Elevação (MDE) de Portugal Continental



Fonte Cartográfica: Hasenack et al. (2010)
Inserida a toponímia de algumas das principais elevações
Stretch Type: Minimum (0)-Maximum (1993)
Apply gamma Stretch: 1.5



Análise Hidrográfica

Vamos iniciar este subcapítulo com vários quadros que pretendem resumir a informação relativa aos recursos hídricos. Os quadros apresentam numa primeira coluna os nomes que figuram nos mapas de Vaugondy (1751) e, numa segunda coluna, a correspondência atual em termos de nomes próprios ou anomalias físicas de representação. Faz-se a distinção entre cursos de água existentes no litoral e interior do Reino de Portugal, uma vez que existe um forte diferencial de conhecimento, nestas duas áreas, claramente favorável ao conhecimento litorâneo.

Os rios Lima, Dave e Douro iniciam-se em áreas do interior e terminam no oceano. Isto demonstra bons conhecimentos por parte do autor (desta parte do território), apesar de existirem algumas diferenças em relação aos percursos atuais dos referidos rios.

Na Província de Tralos Montes estão representados os principais afluentes do rio Douro: rios Côa, Sabor e Tua. Identificou-se uma particularidade na representação de Robert de Vaugondy em relação ao que atualmente se designa de rio Tua, uma vez que inicia o curso de água com o nome de rio Tua, a Norte de Portugal/Bragança, e à medida que desce para Sul une-se ao rio Tuage. Dando continuidade ao rio Tuage, para Sul, muda de nome e passa a cognominar-se de rio Tuelo, antes de desaguar no rio Douro. Não podemos descartar a hipótese de ter sido um erro (menor) do autor ao desenhar o mapa. Atualmente o rio Tua faz todo o percurso desde a fronteira com Espanha até desaguar no

rio Douro, conforme figura 4.

Monsieur Robert parece representar somente os rios de maior dimensão, aqueles por onde passavam rotas de comércio, naturalmente os mais conhecidos. A não existência do rio Tuage, na atualidade, poderá significar que o rio mudou de nome ou que o autor colocou o nome errado. Poderá equacionar-se que o rio Macedo será o mesmo que o autor denominou de rio Tuage, em virtude da sua grande dimensão.

O rio Lamega não existe atualmente nem em título nem fisicamente. No espaço geográfico afeto a este rio, no mapa da *Partie Septentrionale du Royaume de Portugal* (VAUGONDY, 1751b), estão atualmente um conjunto de quatro ribeiras: Lugar, Marialva, Larroeiro e Massueime, conforme figura 5.

Pelo rigor na representação das linhas de água, como vimos anteriormente, é possível que a divergência resulte de alterações de origem antrópica ao longo dos anos. Mas também poderá ter sido um erro do geógrafo. Seguindo uma linha de raciocínio básico, e considerando que o autor cartografava os cursos de água de maior importância, aqueles que eram mais conhecidos, é provável que se tenha referido a estas quatro ribeiras como um único rio, por fraco conhecimento desta área interior, e considerando que todas em conjunto tornam o rio Côa num rio de elevado caudal.



Província de Entre Minho e Douro:

Quadro 1 – Hidrografia da Província de Entre Minho e Douro

Áreas do Litoral		Áreas do Interior	
Nomes que figuram no Mapa	Nomes atuais/anotações	Nomes que figuram no Mapa	Nomes atuais/anotações
R. Minho	Delimita a fronteira do Reino de Portugal com Castela	R. Mourilhe	Rio Cávado
R. Lima	Rio Lima	R. Tamaga	Rio Tâmara
R. Neiva	Rio Neiva	R. Solho	Rio Este
R. Cavado	Rio Cávado		
R. Dave	Rio Ave		
R. Douro	Rio Douro		
R. Copelha	???		
R. Castes	???		
Barra de Caminha	Localizada na fronteira com Castela na foz do rio Minho		
Barra de Viana	Barra de Viana do Castelo		
Barra de Villa de Condé	Barra de Vila do Conde		
Barra de Porto	Barra do Porto		

Elaboração própria



Província de Tralos Montes:

Quadro 2 – Hidrografia da Província de Tralos Montes

181

Nomes que figuram no Mapa	Nomes atuais/anotações
R. Coa	Rio Côa
R. Sabor	Rio Sabor
R. Lamega	Será um conjunto de quatro ribeiras: ribeira de Lugar, ribeira Marialva, ribeira Larroeiro, ribeira Massueime ???
R. Tua	Rio Tua
R. Tuage	Será atualmente o rio Macedo ???
R. Tuelo	Será que existe ???

Elaboração própria



Figura 4 – Rio Tua desde a nascente até à foz

182

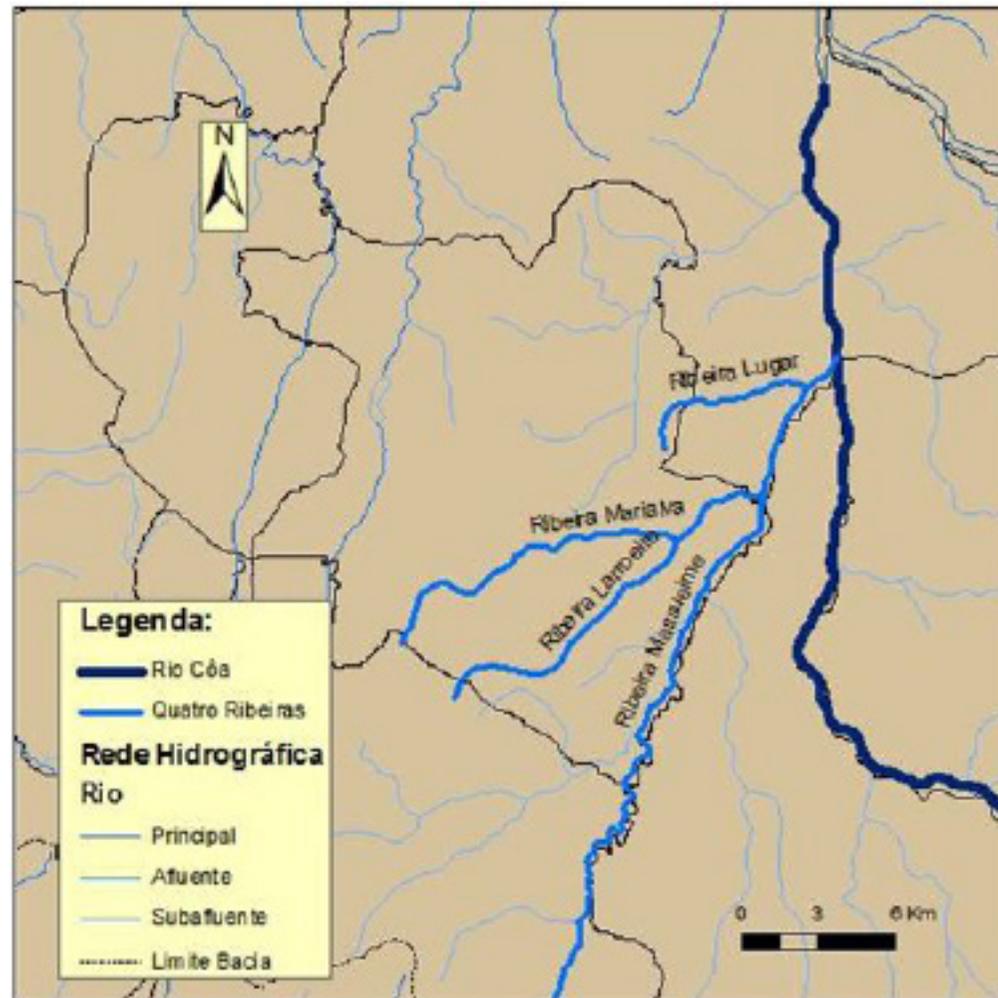


Elaboração própria



Figura 5 – Rib.^a do Lugar, Rib.^a Marialva, Rib.^a Larroeiro e Rib.^a Massueime

183



Elaboração própria



Província da Beira:

O Interior da Província da Beira é atravessado por dois grandes rios, o rio Vouga e o rio Mondego. O rio Mondego nasce em territórios pertencentes à serra da Estrela, na Província da Beira, e foi excelentemente representado.

Quadro 3 – Hidrografia da Província da Beira

Nomes que figuram no Mapa	Nomes atuais/anotações
R. Vouga	Rio Vouga
R. Mondego	Rio Mondego
R. Meusul	Afluente do rio Zêzere na Província da Estremadura
R. Ponsul	Rio Pônsul
Barra d'Aveiro	Atualmente é uma doca artificial
Barra do rio Mondego	Atualmente é uma doca artificial

Elaboração própria



Apesar de todo o rigor que o autor emprega, nota-se a total ausência das lagoas interiores, como é o caso das lagoas da serra da Estrela na Província da Beira, mais uma vez, o que se deve ao reduzido conhecimento do interior de Portugal.

Província da Estremadura:

Quadro 4 – Hidrografia da Província de Estremadura

A Província da Estremadura

Elaboração própria

Afluentes rio Tejo – Áreas do Litoral		Afluentes rio Tejo – Áreas do Interior	
Nomes que figuram no Mapa	Nomes atuais/anotações	Nomes que figuram no Mapa	Nomes atuais/anotações
Lagoa de Obedos	Lagoa de Obidos	R. Zezare	Rio Zêzere
I. Barlenga	Ilhas Berlengas	R. Aiso	Aflui ao Zêzere e este aflui ao rio Tejo.
Peniche	Peniche	R. Toalha	Ribeira Coalhos
Barra de Lisboa	Entrada do rio Tejo para áreas estuarinas.	R. Lanpova	Ribeira Lampreia
Praia da Carvoeira	Praia do Carvoeiro	R. Fernando	Ribeira Fernando
Praia das Maças	Praia das Maças	R. Damora	???
Praia de Guinel	Praia do Guincho	R. Freja	???
		R. Peracama	???
		R. Lyra	Rio Ocreza
		R. Lamorosa	Aflente do Tejo
		R. Soro	Rio Sor
		R. Erra	Vala Erra. Aflente do rio Sorraia
		R. Zatas	Rio Sorraia
Afluentes rio Sado – Província Estremadura		Afluentes rio Sado – Província Alentejo	
Nomes que figuram no Mapa	Nomes atuais/anotações	Nomes que figuram no Mapa	Nomes atuais/anotações
R. Cadaon	Rio Sado	R. Odega	Rio Alcáçovas
R. Areno	???	R. Alvilho	Rio Odívelas
R. Domin	???	R. Enxarama	Rio Xarrama
R. Marateca	Rio Marateca	R. Cafrinas	Cruzam-se e integram-se.
		R. Doroxo	São afluentes do rio Sado
		R. Campilhas	Rio Campilhas
Afluentes do Rio Tejo na Província do Alentejo			
Nomes que figuram no Mapa	Nomes atuais/anotações		
R. Cabeçon	É aflente do rio Maçados. Quando se integram, o rio passa a ganhar o nome de rio Zatos. Já na Província da Estremadura vai se integrar no rio Erra, que por sua vez vai desaguar no rio Tejo.		
R. Laure	Tem um aflente: o rio Canha. Desagua no rio Tejo, atualmente na Lezíria do Tejo		
R. Canha	Atualmente rio Almansor	O rio Loure (ribeira Lavre) é um aflente do rio Canha (Almansor) que é aflente do rio Tago (Tejo)	
R. Loure	Atualmente ribeira Lavre		



apresenta reduzidos cursos de água no litoral, à exceção dos rios Tago (Tejo) e Cadaon (Sado). Em contrapartida, no interior desta província, existe uma enorme cadeia de cursos de água, hierarquizados, que vão afluir a esses dois grandes cursos de água.

Destacamos a excelente qualidade da cartografia e o pormenor da representação do interior de Portugal, um trabalho notável para a época. A informação divergente, como se verifica nas figuras 7 e 8, tanto pode ter resultado de erro na representação, como da alteração dos nomes desses cursos de água.

Figura 7 – Rib.^a Coalhos, rib.^a Fernando, rib.^a Lampreia



Elaboração própria



Se verificarmos com atenção a disposição dos três rios representados na figura 7, que representa a distribuição atual dos cursos de água (IGP, 2008), o rio Fernando surge na segunda posição da esquerda para a direita. Se procedermos à mesma análise em relação à figura 8, verificamos que o mesmo curso de água, representado por Vaugondy (1751a), se coloca na última posição. Esta situação justifica-se pela recolha de elementos junto de viajantes, o que muitas vezes imprime lapsos, mas neste caso não é afetada a qualidade cartográfica.

Figura 8 – Rib.^a Toalha, rib.^a Lampova, rib.^a Fernando



Fonte: Vaugondy, 1751

Nota:

Em todas as obras do autor, onde se incluiu a representação do Reino de Portugal, este coloca o nome do rio e à frente a letra R., que designa Rio (Ex: Campilhas R. = Rio Campilhas). Porém, na Província da Estremadura, no rio Marateca, apresenta uma metodologia diferente dos restantes rios do mapa. Neste caso concreto escreveu por extenso o nome do rio: "Rio Marateca" (VAUGONDY, 1751a).



Província do Alentejo:

O espaço geográfico de implantação da província do Alentejo é predominantemente o interior do Reino de Portugal, à exclusão da parte Sul. Entre esta província e o Oceano Atlântico fica a Província da Estremadura.

189

Quadro 5 – Hidrografia da Província do Alentejo

Lado direito do Guadiana:		Lado esquerdo do Guadiana:	
Nomes que figuram no Mapa	Nomes atuais/anotações	Nomes que figuram no Mapa	Nomes atuais/anotações
R. Algar	Rio Xevora	R. Alcaraque	???
R. Acequia	???	R. Cafrena	Rio Ardila
R. Lucifre	???	R. Limas	???
R. Carciras	Atualmente é o rio Vascão. Estabelece a fronteira natural entre a Província do Alentejo e a Província do Algarve		
R. Machede	Estes dois rios vão se cruzar, e desaguam logo a seguir no rio Guadiana.		
R. Fonteboa			
R. Tergo	???		
R. Albacanes	O rio Albacanes vai-se cruzar com o rio Albarcar, unindo-se. Posteriormente, vão-se juntar ao rio Oeiras, formando uma grande linha de água. Logo a seguir desaguam no rio Guadiana.		
R. Albarcar			
R. Oeiras			
Litoral da Província do Alentejo		É impressionante o rigor com que o rio Algar (atual Xevora) foi representado. É um rio irregular e tem um percurso deambulo (entre o território português e o território espanhol).	
Nomes que figuram no Mapa	Nomes atuais/anotações		
R. Mira	Rio Mira		
Lagoa de Para	Lagoa de Santo André		
Ilha Pecesgueiro	Ilha Pessegueiro		

Elaboração própria



Província dos Algarves:

Quadro 6 – Hidrografia da Província dos Algarves

Nomes que figuram no mapa	Nomes atuais/anotações
R. Vatoon	Barranco Pombal???
R. Deleyte	Rio Odeleite
R. Belixar	Ribeira Beliche
Isla Dois Caes	???
Barra de Faro	Atual Marina de Faro
Barra de Tavira	Atual Ilha de Tavira
Barra de Ayamonte	Faz fronteira com Castela a Sudeste do Reino de Portugal

Elaboração própria

Hidrografia: Mapas de Vaugondy (1751a,b) Vs IGEOE (2007/2008)

Ao longo do tópico anterior foram enumeradas divergências entre os mapas de Robert de Vaugondy (1751a,b) e a atual Geografia de Portugal, o que fizemos recorrendo à elaboração de mapas. No entanto, convém realçar o conhecimento que o autor tinha do território e a qualidade e o pormenor com que representa o Reino de Portugal. Talvez por isso é que atualmente os grandes geógrafos e cartógrafos o reconhecem como o primeiro grande cartógrafo moderno.

Demonstra ter conhecimentos bastante suficientes da forma como os cursos de água estão implantados no território, tanto ao nível do Litoral como ao nível do Interior (em menor escala). A representação gráfica da rede hi-



drográfica, rios e seus afluentes, é notável. Revisitamos agora sobre algumas situações não abordadas anteriormente.

Desde muito cedo se procurou proteger e estabelecer as fronteiras recorrendo a barreiras naturais. Nos mapas de Vaugondy (1751a,b) isso é visível em todos os grandes rios: desde o Minho a Norte, o Tejo a Este e o Guadiana a Este e Sul.

Apesar de Vaugondy (1751a,b) representar de forma notória os cursos de água superficiais parece não ter noção da verdadeira dimensão desses recursos hídricos. Isto porquê? Se considerarmos a existência de uma hierarquia na representação dos nomes dos rios, em que somente figuram no mapa os nomes dos maiores rios, assim como a dimensão do traçado dos mesmos, em que são representados de acordo com a sua dimensão (de curso e de caudal), chegamos à conclusão que Vaugondy (1751a,b) pediu informação a quem não conhecia profundamente Portugal. Por exemplo, o rio Alviela (que nasce nos Olhos de Água em Torres Novas e abastece Lisboa) e o rio Maior (que dá o nome à cidade de Rio Maior), foram representados como afluentes do rio Tejo mas não lhe foi colocado nome, sendo que a ribeira Fernando foi representada como um rio e tem nome. Ainda, a representação gráfica da linha de água que deverá pertencer ao rio Alviela é de maior dimensão do que a utilizada pelo autor para representar a linha de água da Ribeira Fernando, ou seja, o autor aparentava ter conhecimento da dimensão do Rio Alviela mas por algum motivo não lhe colocou nome.

No seguimento da explicitação anterior, onde se

expõem factos de aparente incoerência ao nível da representação em mapa dos conhecimentos do autor, que eram os conhecimentos que lhe eram transmitidos por geógrafos e cartógrafos, militares da Marinha e viajantes, vamos agora apresentar algumas incorreções em relação ao posicionamento geográfico dos cursos de água representados.

Sabemos de antemão que a realização deste mapa contou com a colaboração dos maiores cartógrafos do Reino de Portugal. Apesar disso, não é invulgar que existam irregularidades na representação dos rios. A cartografia científica, com coordenadas matemáticas exatas, só surgiu no início do século XIX em Portugal. Até esta data o levantamento cartográfico era feito com recurso a métodos tradicionais, sobretudo conversando com os mais antigos de cada local e com marinheiros, e era limitado pelas fracas acessibilidades do Reino e pela morosidade deste trabalho.

Outro facto que poderia afetar a cartografia da hidrografia neste período era a alteração artificial dos leitos dos rios ou a alteração dos cursos de água. Segundo Marques (1998, p. 55-58) desde finais do século XIII que eram abertos canais de escoamento no Douro e, senão antes, desde finais do século XV que abundavam na área do Mondego trabalhos de "regularização de cursos de água cujos traçado ou inundações afetavam a agricultura, ao lado da drenagem de pântanos, de abertura de canais e do aperfeiçoamento de diques e comportas em proveito da rega", sendo aproveitados muitos paus (pântanos), sobretudo entre 1517 e 1536. O mesmo ocorreu nas regiões da Ota, Ponte de Sor,



Atougua da Baleia e Aveiro. No entanto, foi em meados do século XVI que proliferou a hidráulica agrícola, possibilitando a alteração do leito de vários cursos de água, como a ribeira dos Cadafais (Alenquer), o rio Coura, o rio Mondego, o rio Alvor e o rio Tejo. Nesta obra dirigida por Joel Serrão e A. H. Oliveira Marques, existe uma reconstituição do curso do rio Tejo por João José Alves Dias (MARQUES, 1998, p.57), melhor detalhada em Dias (1988, p. 153-176). Nesta conjuntura temos de dar crédito ao autor, menosprezando as lacunas evidenciadas anteriormente, bem como as que estão a seguir.

O curso do rio Douro no sentido Oeste/Este quando se aproxima do concelho de Torre de Moncorvo mantém o traçado uniforme até chegar a Barca-de-Alva, na fronteira com Espanha. Acontece que este deveria descer para Sul de forma acentuada após passar próximo de Torre de Moncorvo.

O rio Mondego perto da sua foz (Figueira da Foz) apresenta um traçado diferente do atual. Pormenorizando, após passar pela cidade de Coimbra não mantém o trajeto e faz uma curva de mais de 90° que leva o rio a passar pelo lado direito da cidade de Montemor-o-Velho em direção ao Oceano Atlântico. Porém, atualmente, o rio passa pelo lado esquerdo de Montemor-o-Velho em direção ao Atlântico.

Próximo de Setúbal somente está representado o rio Sado e não foi representado corretamente. Podemos verificar na figura 9, em comparação com a figura 10, que a representação do rio Sado corresponde, atualmente, à localização geográfica da ribeira Vale do Cão, que é um curso de água atribuído à categoria de

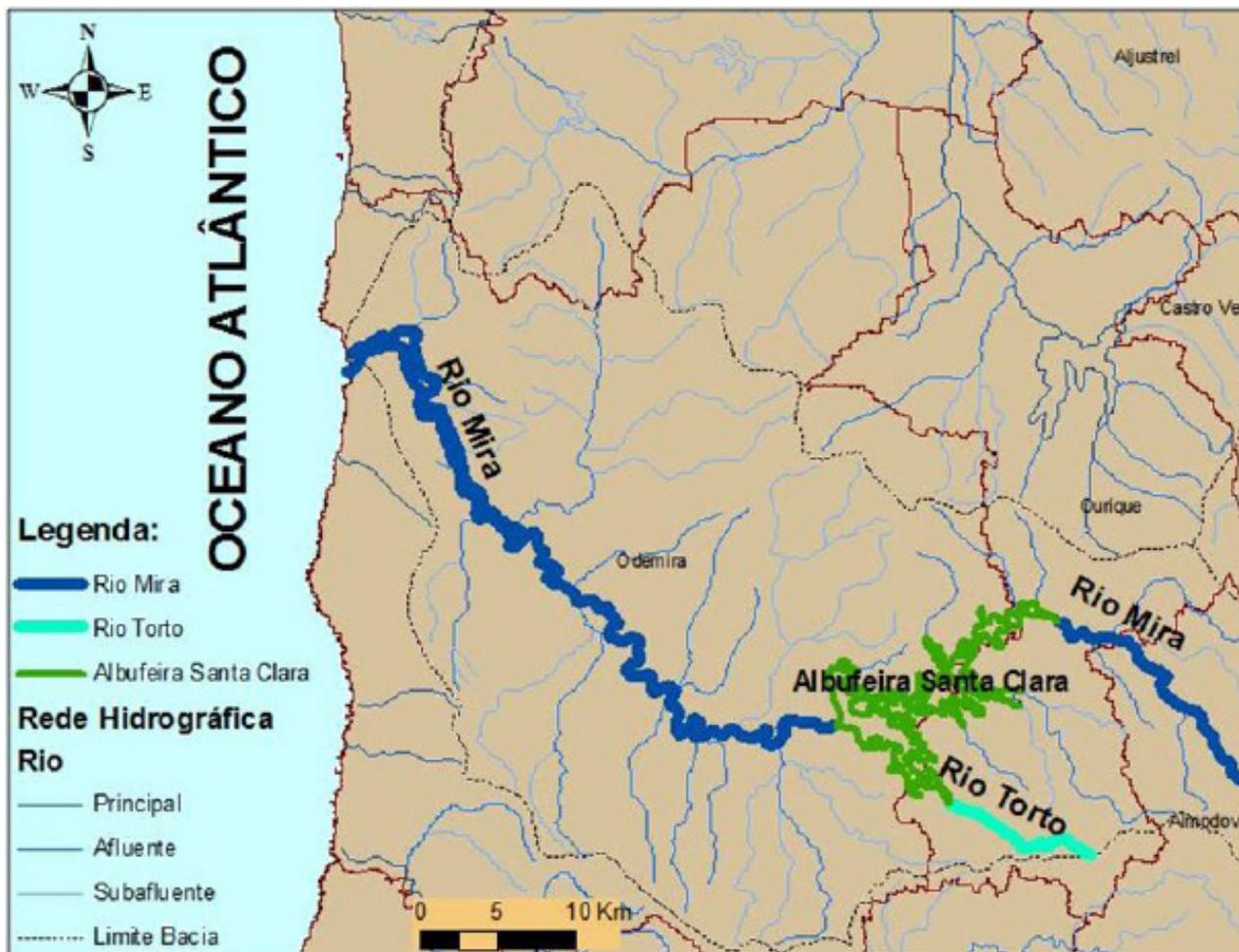
subafluente, e ainda assim, dos menos representativos nesta categoria.

Não faz referência ao rio Torto, principal afluente do rio Mira, que desagua na albufeira de Santa Clara-a-Velha. Para além de não fazer referência ao rio Torto não é explícito no que está a representar. Podemos equacionar a possibilidade de o rio Mira e o rio Torto terem sido representados de forma simplificada? Parece não fazer sentido porque são muitas as discrepâncias entre a representação de Vaugondy (1751a) (figura 10) e a realidade (figura 11), o que permite enumerar aqui um erro cartográfico.

O território de Tavira pertencente ao Reino dos Algarves denuncia falta de informação. Somente são representados três cursos de água. Não contempla as seguintes ribeiras: São Lourenço, Seco, Caroucha e Chocas.



Figura 9 – Rib.ª Toalha, rib.ª Lampova, rib.ª Fernando



Elaboração própria



Figura 10 – Localização do rio Cadaon (Sado)

194

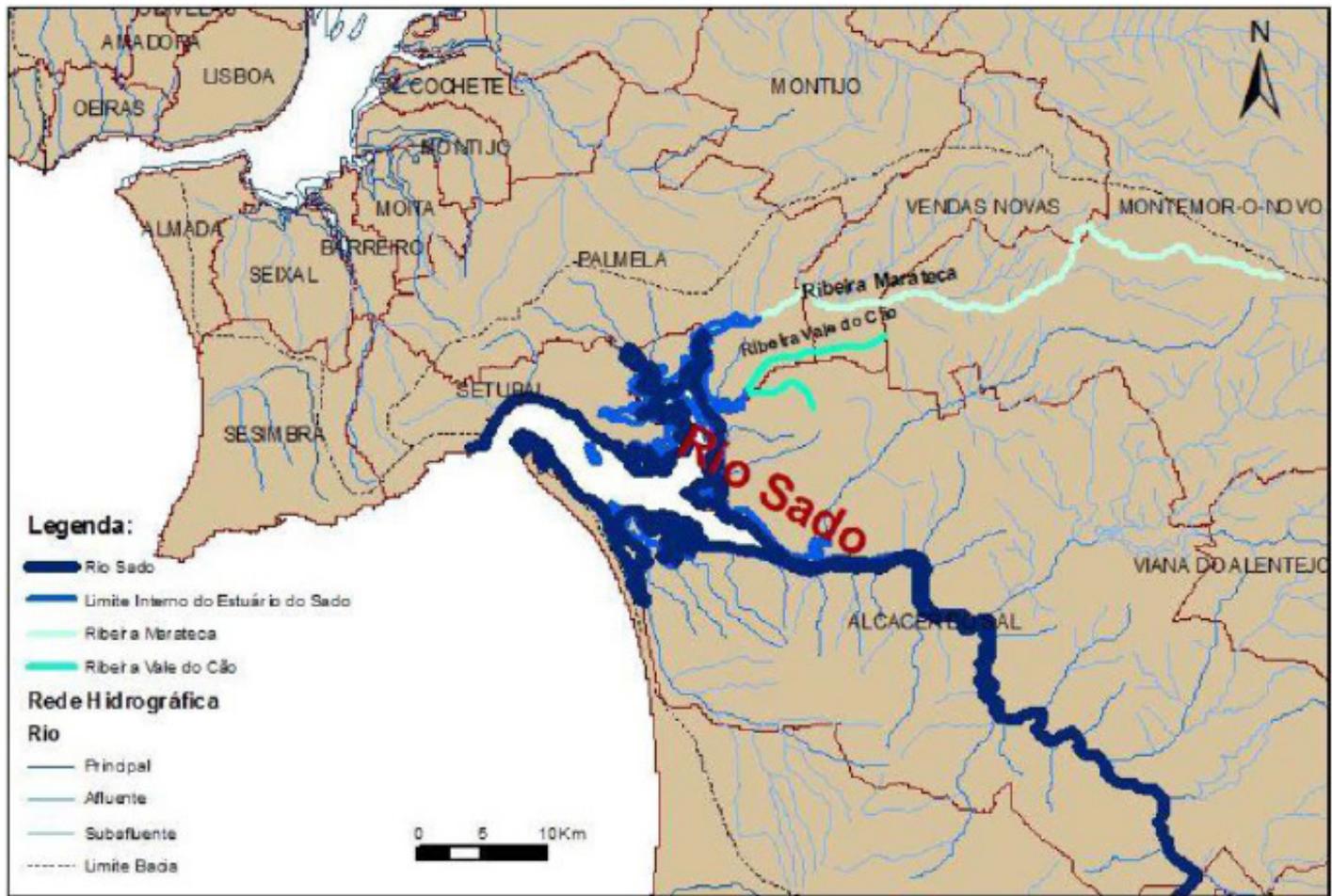


Fonte: Vaugondy, 1751a.



Figura 11 – Rio Sado, rib.ª Marateca, rib.ª Vale Cão

195



Elaboração própria



Análise da Definição da Costa

A cartografia atual apresenta uma linha de costa menos pronunciada, apresentando-se mais linear do que os mapas de Robert de Vaugondy, que descrevem contornos mais vincados e exagerados quer na dimensão, quer na forma. Tal acontece na foz do rio Minho, que no mapa de Vaugondy apresenta uma foz mais aberta do que na atualidade, conforme figura 12. Todavia, tal poderia ter sido possível por formação natural, uma vez que o transporte e acumulação de sedimentos marinhos e fluviais estão na origem da criação de línguas de areia existentes. Assim, a barra de Caminha e o ilhéu de Forte da Ínsua apresenta, atualmente, uma configuração diferente da cartografada por Robert de Vaugondy.

Figura 12 – Foz do rio Minho



Fonte: Terceira Dimensão (2010) – Espanha, à esquerda, Portugal, à direita.

Também a foz do rio Ancora (figura 13) é hoje diferente da cartografada por Robert de Vaugondy, uma vez que antes de desaguar o rio faz uma inflexão de sentido SO-NE para infletir novamente na direção NO-SE, e por fim morrer no mar, sem que tenha qualquer cabo ou saliência de Sul a proteger o seu contacto com águas marinhas. Como não se conhecem alterações ao percurso deste rio, presume-se que terá sido lapso do geógrafo.

Figura 13 – Foz do rio Ancora



Fonte: Terceira Dimensão (2010).

Continuando para Sul, a linha de costa atualmente apresenta-se menos recortada dado o preenchimento que tem ocorrido nas regiões de costa baixa ou arenosa, contribuindo assim para a sua homogeneização. Em relação à foz do rio Lima, o mapa de Vaugondy apresenta uma configuração bastante diferente da atual, o que é possível visualizar através da figura 14. Por um lado, a



intervenção humana alterou a configuração da foz através da construção de edificações e equipamentos tanto a Norte como a Sul. Por outro, será difícil considerar a massa continental a Norte da foz, proposta por Vaugondy, dada a dureza da rocha nesta área. Certamente trata-se de um lapso, por excesso, na representação do autor.

Figura 14 – Foz do rio Lima



Fonte: Terceira Dimensão (2010).

A foz do rio Neiva também se apresenta diferente, na medida em que o autor representa a foz com uma grande abertura e um ilhéu interior, sendo que atualmente a foz é estreita e o rio acaba por fazer uma inflexão para Oeste, de modo a poder desaguar, o que não é manifestamente o percurso proposto por Vaugondy, constituindo assim, provavelmente, um erro de representação.

A linha de costa desde a foz do rio Neiva até à foz do rio Cávado, atualmente, apresenta-se retilínea ao contrário do proposto por Vaugondy, que a descreve com uma forte projeção da terra no mar. O rio Cávado, atualmente, apresenta fortes contrastes face ao cartografado por Vaugondy, uma vez que o seu percurso, grosso modo, tem uma orientação E-O, e Vaugondy descreve-o quase com uma orientação NE-SO.

A linha de costa entre a foz do rio Cávado e a foz do rio Ave apresenta-se sensivelmente próxima da cartografada pelo autor, sendo que as principais alterações prendem-se com a intervenção humana, facilitada pelo facto de predominar o tipo de costa baixa ou arenosa. É notável a representação do autor.

No mapa de Vaugondy, a foz do rio Ave apresenta uma abertura pronunciada e a existência de uma grande massa de água interior, o que não se verifica na atualidade. Tal situação poderia já ter ocorrido, tendo sido regularizada por ação dos agentes externos.

Da foz do rio Ave até à foz do rio Douro, a costa apresenta-se atualmente quase retilínea ao contrário da proposta por Vaugondy, que destaca pronunciadas reentrâncias que hoje não correspondem à realidade, nomeadamente a foz do rio Onda e a foz do rio Leça, onde a intervenção do homem foi muito forte dando origem à construção de um porto artificial, o porto de Leixões.

Até à foz do Douro, Vaugondy apresenta novamente a massa continental debruçada sobre o mar o que atualmente não corresponde à realidade, bem como apresenta a restinga bastante pronunciada e volumosa (figura 15).



Figura 15 – Foz do rio Douro

198

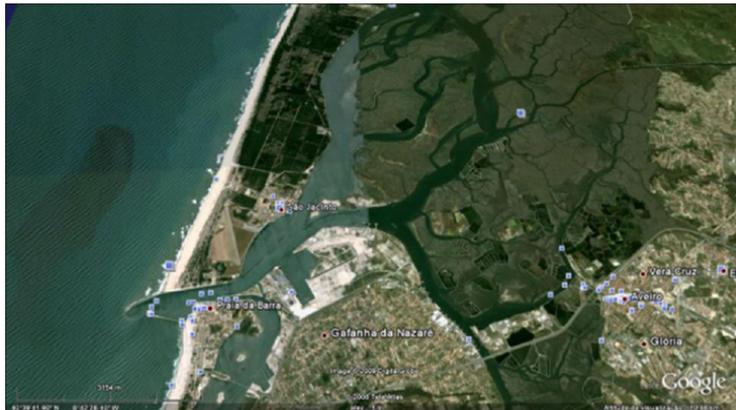


Fonte: Google Earth (2008).

Desde a foz do rio Douro à foz do rio Vouga a linha de costa apresenta-se, atualmente, retilínea à semelhança do proposto pelo autor, assumindo especial expressão a ria de Aveiro ou haff-delta, dada a criação de duas restingas, uma de sentido Norte/Sul e outra de sentido Sul/Norte, que proporcionaram o isolamento da reentrância que outrora existiu, conforme figura 16.



Figura 16 – Haff-Delta de Aveiro



Fonte: Google Earth (2008).

Desde a foz do Vouga até à foz do Mondego a costa apresenta-se retilínea em consonância com o cartografado por Vaugondy, exceto na parte da barrinha de Mira, que hoje se encontra isolada do mar ao contrário do proposto pelo autor.

A descrição da foz do rio Mondego, feita por Vaugondy, apresenta pouca concordância com a atualidade, não por erro do autor, mas porque a ação humana e a ação fluvial e marinha acabaram por alterar a linha de costa.

Da foz do rio Mondego à foz do rio Lis a linha de costa é retilínea, o que confere proximidade entre o cartografado por Vaugondy e a atualidade. A linha de costa é retilínea até à Nazaré onde acaba por aflorar uma pequena reentrância, não se verificando grande diferença entre o mapa de Vaugondy e a atualidade, seguindo-se depois alguns dos principais acidentes da

costa portuguesa, a baía de São Martinho do Porto (fig. 17) e o tómbolo de Peniche (fig. 18), sendo que toda esta área aparece, atualmente, menos pronunciada do que Vaugondy cartografou.

Figura 17 – Concha de São Martinho do Porto



Fonte: Terceira Dimensão (2010).

Figura 18 – Tômbolo de Peniche



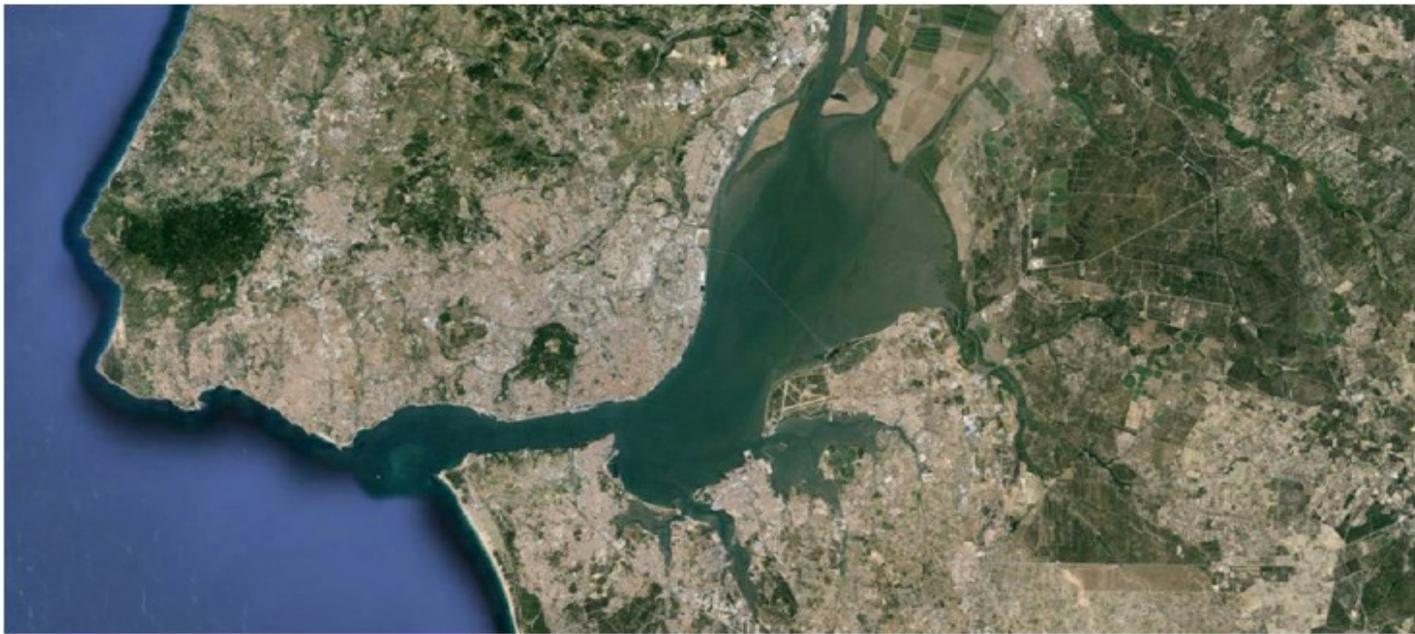
Fonte: Google Earth (2008).



De Peniche até ao Cabo da Roca, a linha de costa apresenta-se retilínea, sem grandes reentrâncias, o que lhe confere um traçado homogéneo a partir do qual se verificam algumas reentrâncias até ao Cabo Raso, dando depois início à configuração do estuário do Tejo, sendo que a linha de costa proposta pelo autor é sempre mais recortada do que o é na atualidade, conforme figura 19.

Em relação ao Tejo, Robert de Vaugondy cartografou a foz e todo o estuário com a mesma distância entre margens, o que na realidade não acontece.

Figura 19 – Estuário do Tejo



Fonte: Google Earth (2008).

Até ao estuário do Sado (fig. 20) não se verificam diferenças significativas entre o proposto por Vaugondy e a atualidade. Já no que diz respeito ao rio Sado, Vaugondy, apresenta grandes diferenças face à atual configuração, uma vez que o mesmo não flete tanto para Norte como Vaugondy apresenta, sendo que o estuário, na realidade, apresenta uma orientação, grosso modo, Oeste/Este, em vez da orientação Norte/Sul proposta pelo autor.



Figura 20 – Estuário do Sado



Fonte: Google Earth (2008).

Até ao Cabo de Sines a costa é retilínea, sendo de assinalar as lagoas de Melides e Santo André (fig. 21) que atualmente se encontram separadas do mar ao contrário do cartografado por Vaugondy, em consequência da acumulação de sedimentos.

Figura 21 – Lagoa de Santo André



Fonte: Terceira Dimensão (2010).

A área em torno do cabo de Sines, Vaugondy descreve-a com grandes reentrâncias, algo que não se verifica atualmente, cartografando a ilha do Pessegueiro e os ilhéus da Perceveira mais a norte do que, efetivamente, se encontram.

A restante costa Sul até ao cabo de São Vicente, Vaugondy, descreve-a como irregular, ou seja, com algumas reentrâncias que atualmente não se verificam, sendo de destacar apenas as saliências devido à natureza da costa alta e escarpada.

A linha de costa mais meridional apresenta diferenças face ao que Vaugondy cartografou, uma vez que o promontório de Sagres é muito mais pronunciado e imponente e a restante linha de costa não apresenta grandes alterações até à ponta da Piedade, apenas alguns recortes que proporcionam pequenas enseadas, sendo que as reentrâncias cartografadas por Vaugondy em Alvor não se verificam atualmente, conforme figuras 22 e 23.

Figura 22 – Cabo São Vicente e promontório de Sagres



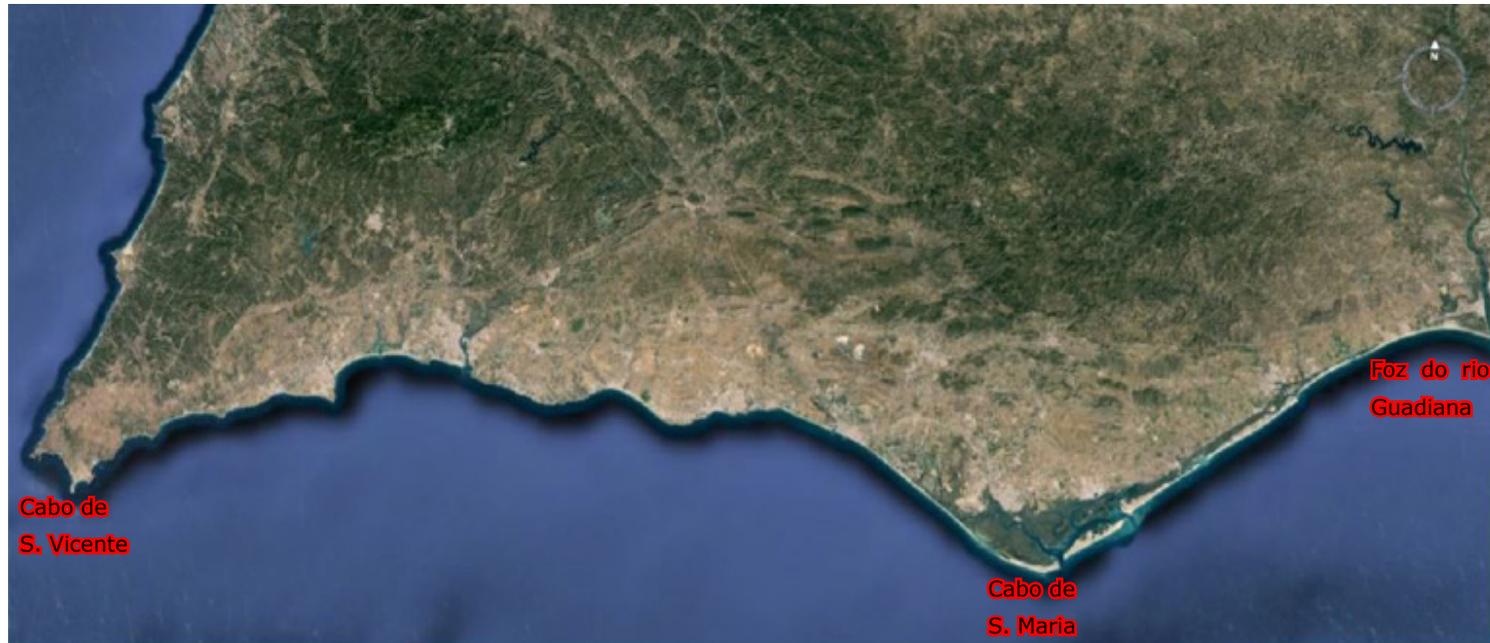
Fonte própria. 2008.



Até ao cabo de Santa Maria os recortes também não são muito pronunciados, destacando-se o lido de Faro, com particular destaque para o cabo de Santa Maria, onde Vaugondy descreve com precisão a linha de costa, por comparação com a atualidade.

202

Figura 23 – Entre o cabo São Vicente e o cabo de Santa Maria



Fonte: Google Earth (2008).

Do cabo de Santa Maria até à foz do rio Guadiana a linha de costa apresenta-se também retilínea, mais ou menos homogénea, onde se destacam os cordões de areia que separam as águas interiores da do mar, e que Vaugondy cartografou no seu mapa. No entanto, Vaugondy colocou bastantes discontinuidades ao longo da linha de costa que hoje não existem devido à acumulação progressiva de sedimentos, daí que as diferenças apesar de existirem não são assim tão significativas. Em termos gerais, o conhecimento da formação da linha de costa é elevado.



Análise do Povoamento

Neste subcapítulo não vamos proceder à comparação visual (cartográfica ou fotográfica) entre o representado nos mapas de Robert de Vaugondy e a cartografia atual, porque, como é natural, em três séculos de história as alterações são muitas.

O povoamento do Reino de Portugal, representado por Robert de Vaugondy, pode dividir-se em duas partes diferentes: a parte setentrional e a parte meridional.

Na parte setentrional, a Norte do rio Douro, é visível uma acentuada densidade que se intensifica junto às linhas de água, conforme figura 24. Partindo do princípio que as populações escolhiam locais próximos de rios para se fixar, e tendo a região do Norte uma maior percentagem de cursos de água, podemos acreditar que o Norte de Portugal era mais povoado devido à existência de mais cursos de água, e até mesmo de maior disponibilidade hídrica, necessária à agricultura, pecuária e consumo humano.

Na Província da Beira a tendência mantém-se, e os maiores aglomerados aparecem localizados próximo de cursos de água.

A Província da Estremadura aparece cortada ao meio, fixando-se entre a parte setentrional e a parte meridional, não sendo homogénea em termos de povoamento. Entre o rio Tejo e o Oceano Atlântico existe maior densidade de povoamento, por comparação com as restantes áreas desta província, tendo contribuído para tal a localização de Lisboa (MARQUES, 1998). Igual

importância tem o estuário do Tejo, uma vez que dá acesso à cidade de Lisboa, constituindo-se como principal porta de entrada através do Terreiro do Paço.

Figura 24 – Povoamento no território de Vila Real



Fonte: Vaugondy, 1751a.

Na parte meridional é evidente uma menor densidade ao nível do povoamento. A Província da Estremadura continua a manter a tendência exercida na representação da parte meridional do Reino de Portugal.

A Província do Alentejo apresenta fortes assimetrias territoriais, pelo que existe um grande desequilíbrio em termos populacionais. Os territórios de Portalegre, Estremoz e Évora são os mais densamente povoados



em detrimento do território de Beja. As maiores densidades verificam-se na direção Oeste/Este.

Em relação à Província dos Algarves, que também é densamente povoada, a configuração do povoamento é diferente das anteriores. Junto ao litoral estão concentradas as maiores densidades, sendo que à medida que nos afastamos do mar e nos deslocamos para norte, em direção às serras de Monchique e do Caldeirão, a densidade vai diminuindo, apresentando um povoamento cada vez mais rarefeito.

Após esta caracterização geral, muito sintetizada, podemos depreender que a localização do povoamento do Reino de Portugal no século XVIII se fazia junto ao litoral, próximo dos principais cursos de água ou em áreas com suficientes recursos hídricos, bem como em locais que promoviam o comércio, e nas grandes cidades, com destaque para a cidade de Lisboa, que sempre foi a “cabeça” do Reino de Portugal. Trata-se, portanto, de uma representação realista do espaço, de muito boa qualidade.

Numa última nota. Das grandes cidades do século XVIII, só Braga, Viseu, Santarém, Lisboa, Évora e Beja mantêm o mesmo estatuto. O êxodo rural deixou o interior sem habitantes, em situação diametralmente oposta às cidades, que não param de crescer: fenómeno da urbanização contemporânea. No entanto, ainda existem algumas ilhas no interior do país, como Viseu, que já desde o século XVIII se impunha e fazia a diferença. São estas “ilhas” que vão impedindo que o interior fique despovoado, na atualidade.

REFLEXÃO FINAL

Apesar de alguns elementos menos conseguidos, como o sobredimensionamento de relevos e as imprecisões no percurso de rios, que, queremos salientar, não desmerecem em nada o trabalho realizado, os dois mapas apresentam qualidade cartográfica, nomeadamente na definição da costa e povoamento. Isto apesar de todas as condicionantes, mormente de circulação no território, dificultada pelos muitos acidentes geográficos naturais.

Vaugondy e os técnicos portugueses que terão colaborado para a realização destes mapas, em termos gerais, revelam ter a esta data um bom conhecimento da geografia de Portugal, e a descrição anterior é conclusiva dessa qualidade cartográfica, pelo rigor da representação.

Queremos salientar que fizemos uma abordagem concisa, pela limitação da dimensão, e optámos por explorar divergências, para apurar o nível de conhecimento, pelo que o não referido é maioritariamente concordante.

Podemos agora responder à questão aberta por Santos (2013, p. 69-86) na Semina: Ciências Sociais e Humanas, no trabalho intitulado “*Estudo de dois Mapas do Geógrafo Robert de Vaugondy relativos ao Reino de Portugal do Século XVIII (1751)*”, confirmando a concordância com esse trabalho, de que, pelo rigor da cartografia e conhecimento do espaço, sobretudo litorâneo, e também interior, em menor escala, é o mais consentâneo com a lógica que estes dois mapas complementares do Reino de Portugal representem divisões eclesiásticas.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADONIAS, I. Mapas – um pouco da sua História. Povos primitivos e antigos. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Volume 285 (out / dez), Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, p. 39-80, 1969. Disponível em: <<http://www.ihgb.org.br/rihgb/rihgb1969volume0285c.pdf>>. Acesso em: 28 jul. 2013.

ALBERNAZ, JT. **Carta da Correição de Santarém**. [Material cartográfico] / [João Teixeira Albernaz, I]. - Escala [ca 1:210000], 5 léguas [18 ao grau] = [15,0 cm] [1640]. Disponível em: <<http://purl.pt/4010>>. Acesso em: 28 jul. 2013.

ALBERNAZ, JT. **Carta da fronteira entre o Alentejo e a Estremadura espanhola**. [Material cartográfico] / [João Teixeira Albernaz, I] ; L[ucas] V[orsterman]. - Escala [ca 1:370000], 7 léguas espanholas [17,50 ao grau] = [11,90 cm]. - [S.l. : s.n., 1644]. Disponível em: <<http://purl.pt/918/3/>>. Acesso em: 28 jul. 2013.

ALEGRIA, MF. A Cartografia Antiga de Portugal Continental. **Finisterra**, n.º 24, p. 169-209, 1977. Lisboa. Disponível em: <http://www.ceg.ul.pt/finisterra/numeros/1977-24/24_01.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2013.

BALBI, A. **Essai statistique sur le royaume de Portugal et d'Algarve comparé aux autres états de l'Europe, et suivi d'un coup d'oeil sur l'état actuel des sciences, des lettres et des beaux arts parmi les Portugais des deux hémisphères. Tome second**. Paris: Chez Rey et Gravier, Libraires, 1822b. Disponível em: <<http://archive.org/stream/essaistatistique02balbuoft#page/n9/mode/2up>>. Acesso em: 28 jul. 2013.

BALBI, A. **Variétés politico-statistiques sur la monarchie portugaise**. Paris: Rey et Gravier, Libraires, n.º 55, 1822a. Disponível em: <<http://archive.org/stream/varitpoliticos00balbgoog#page/n6/mode/1up>>. Acesso em: 28 jul. 2013.

BUNBURY, EH. **A History of Ancient Geography among the Greeks and Romans from the Earliest Ages till the Fall of the Roman Empire**. Vol. I e II. 2ª Ed. London: John Murray, 1883. Disponível em: <<http://ia701503.us.archive.org/20/items/historyofancient00bunb/historyofancient00bunb.pdf>>. Acesso em: 28 jul. 2013.

Carta chorographica da India Portuguesa [Material cartográfico] / resumo do mappa do tenente James Carling. Escala [ca 1:560000]. Lisboa: Lith. de A. S. Castro, Poço Novo, n.º 33, 1860. Disponível em: <<http://purl.pt/1438/3/>>. Acesso em: 28 jul. 2013.

Carta chorographica de Portugal. Escala 1:100000; Projecção de Bonne, Elipsoíde de Puissant, Datum de Lisboa. 37 folhas. Lisboa: Direcção Geral dos Trabalhos Geodesicos do Reino, 1856-1904.

CORTESÃO, A.; MOTA, AT da. **Portugaliae Monumenta Cartographica**. Vol. II. 2ª Ed. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1987.

CORTESÃO, A.; MOTA, AT da. **Portugaliae Monumenta Cartographica**. Vol. 5. Lisboa: Comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, 1960.

CORTESÃO, A. **História da Cartografia Portuguesa**. Vol. I. Lisboa: Junta de Investigação do Ultramar, 1969.



COSTA, AC da. **Corografia portugueza e descripçam topografica do famoso Reyno de Portugal, com as noticias das fundações das cidades, villas, & lugares, que contem; varões illustres, geologias das familias nobres, fundações de conventos, catalogos dos Bispos, antiguidades, maravilhas da natureza, edificios, & outras curiosas observaçoens. Tomo primeyro, oferecido a EIRey D. Pedro II, nosso senhor.** Lisboa: na officina de Valentim da Costa Deslandes impressor de Sua Magestade, & á sua custa impresso, Anno M.DCC.VI (=1706). Disponível em: <http://purl.pt/434/1/hg-1065-v/hg-1065-v_item1/P1.html>. Acesso em: 28 jul. 2013.

COSTA, AC da. **Corografia portugueza e descripçam topografica do famoso Reyno de Portugal, com as noticias das fundações das cidades, villas, & lugares, que contem; varões illustres, geologias das familias nobres, fundações de conventos, catalogos dos Bispos, antiguidades, maravilhas da natureza, edificios, & outras curiosas observaçoens. Tomo segundo, oferecido a EIRey Dom Joam V, nosso senhor.** Lisboa: na officina de Valentim da Costa Deslandes impressor de Sua Magestade, & á sua custa impresso, Anno de M. DCC.VIII (=1708). Disponível em: <http://purl.pt/434/1/hg-1066-v/hg-1066-v_item1/P1.html>. Acesso em: 28 jul. 2013.

COSTA, AC da. **Corografia portugueza e descripçam topografica do famoso Reyno de Portugal, com as noticias das fundações das cidades, villas, & lugares, que contem; varões illustres, geologias das familias nobres, fundações de conventos, catalogos dos Bispos, antiguidades, maravilhas da natureza, edificios, & outras curiosas observaçoens. Tomo terceyro, oferecido a Serenissima Senhora D. Marianna de Austria, Rainha de Portugal.** Lisboa: na officina real Deslandesiana, Anno de M.DCCXII (=1712). Disponível em: <http://purl.pt/434/1/hg-1067-v/hg-1067-v_item1/P1.html>. Acesso em: 28 jul. 2013.

DAVEAU, S. A rede hidrográfica no mapa de Portugal de Fernando Álvaro Seco (1560). **Finisterra**, Revista Portuguesa de Geografia, XXXV (69), p. 11-38, 2000. Disponível em: <http://www.ceg.ul.pt/finisterra/numeros/2000-69/69_02.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2013.

DAVEAU, S. Caractères géographiques comparés des frontieres franco-suisse et luso-espagnole. **Études Géographiques sur la Montagne**. Paris: Bibliothèque Nationale, p. 161-168, 1976.

DAVEAU, S. **Portugal Geográfico**. Lisboa: Editora Sá da Costa, 1995.

DIAS, JA. **A Conquista do Planeta Azul - O Início do Reconhecimento do Oceano e do Mundo (Versão Preliminar)**. Portugal: Universidade do Algarve, 2004. Disponível em: <http://w3.ualg.pt/~jldias/JAD/ebooks/COAzul/CPAzul_4.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2013.

DIAS, JJAD. Uma grande obra de engenharia em meados de Quinhentos. A mudança do curso do rio Tejo. In: **Ensaio de História Moderna**, do mesmo autor. Lisboa: Editorial Presença, 1988, p. 153-176.

DIAS, MH. A primeira carta de Portugal continental. In CRATO, Nuno; REIS, Fernando; TIRAPICOS, Luís (Coord.), **Ciência em Portugal: Personagens e Episódios**. Lisboa: Centro Virtual Camões, 2006. Disponível em: <<http://cvc.instituto-camoes.pt/ciencia/e79.html>>. Acesso em: 28 jul. 2013.

FERREIRA, A; MORAIS, C; SILVEIRA, J; GIRÃO, A. O mais antigo mapa de Portugal. In: **Boletim do Centro de Estudos Geográficos (Separata)**. Coimbra: Centro de Estudos Geográficos / Fundação do Instituto de Alta Cultura, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1957.



FONSECA, L. Portugal e o mediterrâneo, entre Castela e Marrocos a formação da fronteira marítima nos séculos XIV-XV e a noção de espaço político descontínuo. **População e sociedade**, n.º 17, p. 45-60, 2009. Porto: CEPESE-Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10216/56624>>. Acesso em: 28 jul. 2013.

GASPAR, J. **Cartas e Projeções Cartográficas**. ISBN:972-757-151-4. Mafra/Portugal: Lidel – Edições Técnicas, Lda., 2000.

GOMES, BB. Carta orographica e regional de Portugal:1875. In GOMES, Bernardino Barros. **Cartas elementares de Portugal para uso das escolas**. [Mapa 2, p. 5]. Escala 1:2 250 000. 1 mapa: litografia, color; 43x31 cm. Lisboa: Lallement Frères Typ, 1878. Disponível em: <<http://purl.pt/760/4/#/12>>. Acesso em: 28 jul. 2013.

GOOGLE EARTH. **2008**. Disponível em: <<http://www.google.com/earth/>>. Acesso em: 27 jul. 2013.

HARLEY, JB.; WOODWARD, DA. **The History of Cartography: Cartography in Prehistoric, Ancient and Medieval Europe and the Mediterranean**. Vol. I. ISBN 978-022690732. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

HASENACK, H; WEBER, E; FERNANDES, SMC.; JONAS, RJ; DUARTE, EHG. **Processamento e organização de modelos digitais de elevação contínuos para os países de língua portuguesa a partir do SRTM**. Porto Alegre: UFRGS Centro de Ecologia, 2010. ISBN 978-85-63843-04-3. Disponível em: <<http://www.ecologia.ufrgs.br/labgeo>>. Acesso em: 27 mai. 2014.

IGEOE (Instituto Geográfico do exercito) - **Carta Militar Itinerária de Portugal Continental**, escala: 1:500 000. Lisboa: EGEOE, 2007/2008.

IGP (Instituto Geográfico Português) - **Base Cartográfica de Portugal Continental**, dados fornecidos ao Distrito, Concelho e Freguesia, para programa ArcMap/ArcView em formato shape file. Lisboa: IGP, 2008.

LEÃO, D. **Descrição do Reino de Portugal / per Duarte Nunez do Leão, desembargador da casa da supplicação: dirigido ao illustrissimo & muito excellente Sñor Dom Diogo da Sylva, Duque de Francavilla, Conde de Salinas & Riudeo, Presidente do conselho da coroa de Portugal**. Em Lisboa: impresso com licença, por Iorge Rodriguez, 1610. Disponível em: <<http://purl.pt/12393/5/#/6>>. Acesso em: 28 jul. 2013.

Mappa dos reinos de Angola e Benguella [Material cartográfico] / Lith. de Castro. Escala [ca 1:5100000], 36 Leguas Portuguezas de 18 ao gráu = [4,35 cm]. Lisboa: Lith. de A. S. Castro, Poço Novo, n.º 33, 1860. Disponível em: <<http://purl.pt/1498/3/>>. Acesso em: 28 jul. 2013.

MARQUES, A. H. de Oliveira. **História de Portugal. Das Origens ao Renascimento**. Vol. I. Lisboa: Editora Presença, 1997.

MARQUES, AH de O. Os condicionalismos técnicos. In: **Nova História de Portugal**. Vol. 5. **Portugal do Renascimento à Crise Dinástica**. Coordenação de João José Alves Dias. Lisboa: Editora Presença, 1998, p. 53-82.

MEDEIROS, CA. **Geografia de Portugal, Ambiente Natural e Ocupação Humana – Uma Introdução**. 3ª Ed. Lisboa: Editora Estampa, 1994.

MEDEIROS, CA. **Geografia de Portugal**. Lisboa: Editora Estampa, 1991.



MEDEIROS, Carlos Alberto. Um preambulo Geral. In MEDEIROS, Carlos Alberto (dir.). **Geografia de Portugal: O ambiente Físico**. Vol. I. ISBN: 978-9724235196. Mem Martins: Círculo de Leitores, 2005, p.18-49.

MONTEIRO, N.; PINTO, A. A Identidade Nacional Portuguesa. In: **Portugal Contemporâneo**. Direção de António Costa PINTO. Lisboa: Dom Quixote, 2005, p. 51-65.

PÉRY, Gérard. **Geografia e Estatística Geral de Portugal e Colónias**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1875.

RESENDE, A. de. **Libri quatuor De antiquitatibus Lusitaniae / á Lucio Andrea Resendio olim inchoati & Iacobo Menoetio Vasconcello recogniti atq[ue] absoluti. Accessit liber quintus De Antiquitate municipij Eborensis / ab eodem Vasconcello conscriptus, quo etiam autore, secundus tomus quinque alios libros continens, cito, deo opt. Max. Faunte, in lucem prodibit**. Excudebat Martinus Burgensis academia typographus, 1593. Disponível em: <http://purl.pt/15210/3/#/0>. Acesso em: 28 jul. 2013.

RIBEIRO, O.; HERMANN, Lautensach; SUZANNE, Daveau. **Geografia de Portugal**. Lisboa: Editora Sá da Costa, 1989.

RUDAUX, L. **La Terre et son histoire**. Coleção Que sais-je?. Paris: Presses Universitaires de France, 1960.

SANTOS, MPN dos. **Mapas do Reino de Portugal assinados pelo geógrafo Robert Vaugondy Partie Septentrionale et Meridionale du Royaume de Portugal (1751)**. Saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas, 2014.

SANTOS, M. Estudo de dois Mapas do Geógrafo Robert de Vaugondy relativos ao Reino de Portugal do Século XVIII (1751). In: **Revista Semina: Ciências Sociais e Humanas**, Vol. 34, n.º 1 (jan/jun), p. 69-86, 2013. DOI: 10.5433/1679-0383.2013v34n1p69.

Terceira Dimensão - Fotografia Aérea. Disponível em: <http://portugalfotografiaaerea.blogspot.pt/>. Acesso em: 28 jul. 2013.

THROWER, N. **Maps and Civilization: Cartography in Culture and Society**. 3ª Ed. ISBN: 978-0226799759. Chicago: University of Chicago Press, 2008.

VAUGONDY, R. **Partie Septentrionale du Royaume de Portugal, par le Sr. Robert, Geographe ordinaire du Roy. Avec Privilege**. 1751, Cota C.C. 1683 A. na Biblioteca Nacional de Portugal. Também disponível em: http://www.davidrumsey.com/luna/servlet/detail/RUMSEY~8~1~3966~490045:Portugal-meridionale-?qvq=q:full_title%3D%22Partie%2BMeridionale%2Bdu%2BRoyaume%2Bde%2BPortugal%2C%2Bpar%2Ble%2BSr.%2BRobert%2C%2BGeographe%2Bordinaire%2Bdu%2BRoy.%2BAvec%2BPrivilege.%2B1751.%22;lc:RUMSEY~8~1&mi=0&trs=1. Acesso em: 30 jul. 2013.

VAUGONDY, R. **Partie Meridionale du Royaume de Portugal, par le Sr. Robert, Geographe ordinaire du Roy. Avec Privilege**. 1751, 1751b. Cota C.C. 1683 A. na Biblioteca Nacional de Portugal. Também disponível em: <http://www.davidrumsey.com/luna/servlet/detail/RUMSEY~8~1~3967~490046:Partie-Septentrionale-du-Royaume-de>. Acesso em: 30 jul. 2013.

